

PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO EM ESTAGIÁRIOS DE PSICOLOGIA

PLEASURE AND SUFFERING AT WORK IN PSYCHOLOGY TRAINEES

Ana Paula da Silva Tomás¹

Raíssa Bárbara Nunes Moraes Andrade²

RESUMO

A condição do trabalho, combinada com grandes demandas exteriores a ele, podem ter grande impacto na vida do sujeito. A graduação em psicologia é um curso no qual os alunos tem maior probabilidade de manifestarem algum transtorno mental devido ao contato direto que têm com o sofrimento psíquico da população. Dessa forma, o objetivo desse estudo foi investigar os indicadores de prazer e sofrimento no trabalho de estudantes de psicologia de uma universidade particular do interior paulista, que realizam estágios remunerados. A coleta de dados foi realizada de maneira online, por meio de um questionário sociodemográfico da Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho (EIPST). Participaram 25 estudantes do segundo ao quinto ano da graduação, que realizam estágios em diferentes áreas da Psicologia. Os resultados foram submetidos a análises descritivas, que permitiu a percepção de que mesmo que indicadores de sofrimento tenham aparecido de forma geral entre os participantes, as mulheres e os alunos dos últimos anos do curso são os que mais identificam sentimentos negativos como estresse, sobrecarga e esgotamento emocional. A partir disso, põe-se em discussão a importância de que as universidades que possuem curso de Psicologia ofertem serviços psicológicos para os alunos, para que possa atingir as demandas vindas desses, atribuindo dessa forma, mais qualidade à formação dos futuros psicólogos.

Palavras-chave: Estudantes de psicologia, prazer e sofrimento no trabalho, estágio remunerado.

ABSTRACT

¹ Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: anapaula_tomaz_@hotmail.com

² Docente e Orientadora em Psicologia no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: raissa.nmoraes@gmail.com

The work condition, combined with great demands outside it, can have a great impact on the subject's life. The undergraduate course in psychology is a course in which students are more likely to manifest some mental disorder due to the direct contact they have with the population's psychological suffering. Thus, the objective of this study was to investigate the indicators of pleasure and suffering in the work of psychology students at a private university in the countryside of São Paulo, who are carrying out paid internships. Data collection was performed online, using a sociodemographic questionnaire of the Scale of Indicators of Pleasure and Suffering at Work (SIPSW). Twenty-five students from second to fifth grade of the undergraduate course have taken part in internships in different areas of Psychology. The results has been subjected to descriptive analysis, which allowed the perception that even though indicators of suffering appeared in general among the participants, women and students from the last year of the course were the ones that most identify negative feelings such as stress, overload and emotional exhaustion. From then on, comes into question the importance those universities which have a Psychology course, offer psychological services to them, in order that it can reach the demands of these students, thus assigning more quality to the training of future psychologists.

Keywords: Psychology students, pleasure and suffering at work, paid internship.

1 INTRODUÇÃO

A qualidade de vida no ambiente ocupacional interfere no desempenho do trabalhador e, além disso, a falta dessa qualidade pode levar a transtornos psíquicos (BORGES; MOURÃO, 2013), dado que, essa é uma ocupação que possui muita influência na vida dos indivíduos (PINALI, 2011).

Esses problemas psicológicos podem também ser resultados de experiências externas ao trabalho, que em conjunto com o mesmo, dependendo da demanda de ambos, podem levar a tais complicações (SILVA et al., 2016).

Um exemplo disso são os graduandos universitários que combinam os estudos com ocupações laborais (SILVA et al., 2016).

Mais especificamente, o estudante de psicologia pode ser muito prejudicado ao realizar as duas atividades, visto que, essa graduação por si só, já aumenta a

chance dos alunos revelarem algum transtorno psicológico, devido ao grande contato que têm com o sofrimento psíquico de terceiros, além de todos os estágios, atendimentos e competências que é preciso que se desenvolvam (ANDRADE et al., 2016).

Com isso, o presente estudo pretende avaliar os índices de prazer e sofrimento no trabalho em estudantes de psicologia que fazem estágios remunerados, através de uma pesquisa realizada com 25 estudantes, do 2º ao 5º ano do curso de psicologia, que trabalham em diferentes áreas, para que dessa forma, se abra uma discussão sobre, podendo ter maior compreensão da realidade desses indivíduos e então, possa-se pensar em estratégias com o intuito de diminuir a demanda que venha a aparecer.

2 PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO

A psicologia é muito reconhecida pela atuação clínica em psicoterapias e de fato essa é a área em que os psicólogos brasileiros mais atuam. Contudo, já em 1988, o Conselho Federal de Psicologia realizou uma pesquisa que apontou a Psicologia Organizacional como o segundo campo de maior exercício dos psicólogos (CAMPOS et al., 2011).

Esse setor teve início no século XIX, nomeada por Psicologia Industrial, já que se desenvolveu na era da revolução industrial, possibilitando então a inserção da Psicologia nas indústrias, que de acordo com Tiffin e McCormick (1975), se dedicava a estudar o comportamento dos indivíduos nas circunstâncias de “produção, distribuição e uso dos bens e serviços de nossa civilização” e empregar os conhecimentos da Psicologia para solucionar as dificuldades nesses ambientes (CAMPOS et al., 2011).

Posteriormente, nos anos de 1990, profissionais da Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT), passaram a se reunirem a cada dois anos em Simpósios da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPPEP), para conferenciar sobre temas da área (TONETTO et al., 2008).

Entre os principais resultados dessa ação, está a criação em 2001, da Sociedade Brasileira de Psicologia Organizacional e do Trabalho assim como a elaboração da Revista Psicologia: Organizações e Trabalho (TONETTO et al., 2008).

A propósito, o termo Psicologia Organizacional e do Trabalho passou a ser utilizado na década de 90 e tem como objetivo abranger as variedades dessa área, considerando as organizações, que envolvem um coletivo de pessoas, assim como o trabalho, que se trata de uma ocupação básica do ser humano (TONETTO et al., 2008).

Sendo assim, esse campo da Psicologia tem como foco “o estudo do comportamento humano, relacionado com o trabalho e as organizações e a produtividade”, utilizando o conhecimento da Psicologia no ambiente de trabalho a fim de auxiliar em um desenvolvimento e aperfeiçoamento para o sucesso da empresa/funcionários (ROTHMANN, 2017).

Aliás, além de ser um propósito é também um dos reveses desse campo compreender as inúmeras dimensões e particularidades relacionadas às organizações e pessoas que nelas estão, apresentando maneiras “de promover, preservar e restabelecer a qualidade de vida e o bem-estar” desses sujeitos (TONETTO et al., 2008).

Diante disso, há três abordagens de grande ênfase para a Psicologia do Trabalho que são: Psicodinâmica do Trabalho, Epidemiológica e Teoria do Estresse (CODD; SORATTO; MENEZES, 2004).

2.1 Psicodinâmica do Trabalho

A Psicodinâmica do Trabalho revela que há as condições que fazem com que os trabalhadores adoçam, porém questiona o que faz com que alguns destes continuem bem mesmo com os problemas encontrados (PRESTES et al., 2015).

De acordo com essa teoria, a diferença entre aqueles que se mantêm saudáveis e os que adoecem, está nas condições pessoais do indivíduo assim como nas relações sociais que este possui. Sendo assim, o saudável é capaz de enfrentar as exigências do trabalho que promovem desequilíbrios psicológicos, enquanto os que adoecem apresentam falhas para enfrentar tais questões (PRESTES et al., 2015).

Portanto, o prazer pode acontecer mesmo em condições problemáticas, sendo uma ocasião que oportunize o desenvolvimento psíquico. Ou ser um causador de sofrimento, levando a doença mental (PINALI, 2011).

2.2 Epidemiológica

Essa segunda abordagem busca elaborar conhecimentos sobre saúde-doença no trabalho para, a partir disso, delinear ações para produção de saúde e prevenção de doença em tais ambientes. Com isso realiza-se a coleta de dados por meio da aplicação de instrumentos a fim de identificar problemas, compreender o porquê destes e se há como solucioná-los (CODO; SORATTO; MENEZES, 2004).

2.3 Teoria do Estresse

Por fim, de acordo com a terceira teoria, estresse é uma resposta do organismo ao tentar se adaptar a alguma pressão do ambiente, sendo assim, quando há um desequilíbrio origina-se o estresse e as consequências podem ser insatisfação, depressão e até Síndrome de Burnout (CODO; SORATTO; MENEZES, 2004).

No entanto, como dito anteriormente, uma mesma atividade efetivada em diferentes circunstâncias e por diferentes profissionais, podem produzir efeitos distintos relacionados a prazer ou sofrimento devido à subjetividade do sujeito (CODO; SORATTO; MENEZES, 2004).

2.4 Saúde Mental no Trabalho

Em razão disso, a área de Saúde Mental e Trabalho revelou-se devido à importância de entender o porquê de determinados comportamentos dos trabalhadores (CODO; SORATTO; MENEZES, 2004).

Inicialmente as experiências que tinham como objetivo a compreensão do sofrimento psíquico no ambiente organizacional, focavam em causas externas, entretanto, posteriormente, abordagens da Psicologia como Gestalt, Psicanálise e Comportamentais, corroboraram para a concepção de que os fatores externos são internalizados pelo indivíduo de acordo com sua subjetividade, dessa forma, não deve se concentrar apenas nestes, já que mais importante do que isso é como o trabalhador os incorpora (CODO; SORATTO; MENEZES, 2004).

Uma das questões importantes é o quanto a qualidade de vida e bem-estar no trabalho interferem no desempenho dos trabalhadores, já que a falta destes podem levar inclusive a transtornos psíquicos (BORGES; MOURÃO, 2013). Visto que, trabalhar engloba atividades de grande foco na vida das pessoas, estabelecendo-se como um agente para a construção do próprio sujeito e meio para auto realização. É um esforço em prol de remuneração, agregação a um grupo de sujeitos, construção

de significados etc. Por isso afetam tão fortemente na Saúde Mental de todos, sendo uma ocupação que pode beneficiar a saúde das pessoas ou desestabilizá-la (PINALI, 2011).

A propósito, as características do trabalho, como fatores estressantes, causam desgastes psicológicos como ansiedade, físicos como dor de cabeça ou reações comportamentais como uso de drogas. Esses desgastes podem durar por um curto período ou até mesmo por mais tempo, como transtorno de estresse pós-traumático (SPECTOR, 2012).

Estresse é manifestado justamente nas situações que ameaçam o bem-estar da pessoa e não é um problema patológico, já que é o corpo se preparando para enfrentar determinadas situações, ou seja, é uma resposta e que muda de um indivíduo para o outro (SILVA et al., 2016). Porém, caso essa situação permaneça por um longo tempo, pode aparecer distúrbios mentais ou físicos (CARDOSO; BAKKE, 2018).

2.5 Síndrome de Burnout

Um dos sintomas que já foi citado e que é consequência dos estressores do ambiente de trabalho é a Síndrome de Burnout, em que a pessoa se sente emocionalmente esgotada e com baixa motivação. A princípio essa doença apresenta grande nível de tensão e mal-estar tanto físico como mental, progredindo com o tempo (BATISTA et al., 2011).

Tal síndrome é marcada por sintomas como pouca energia, medo de ir trabalhar, dissimulação afetiva no trabalho, ansiedade, irritabilidade, avaliação negativa de si mesmo, baixa autoestima, insônia, adoecimento frequente e dores de cabeça (BATISTA et al., 2011).

Essa definição foi criada inicialmente para justificar sintomas de profissionais como psicoterapeutas e assistentes sociais, pois os cientistas por trás de tal conceito consideravam esse cansaço como decorrência do trabalho excessivo com outras pessoas (SPECTOR, 2012).

2.6 Vivências de Sofrimento no Trabalho

Uma pesquisa sobre a presença de Burnout e estresse, com profissionais da saúde mental, apresentou que 36% mostraram estresse, 44% sentiam-se com um nível de estresse alto e 60% revelaram esgotamento emocional. Percebeu-se ainda

que os profissionais mais novos estavam ainda mais necessitados de ações de suporte para enfrentar tais situações (SANTOS; CARDOSO, 2010).

Outro estudo ainda sobre o efeito do trabalho nos profissionais de saúde mental teve como um dos resultados destacados a apresentação de um impacto maior, em relação a sentimento de frustração, nos profissionais de nível médio e um tempo de atuação menor, por exemplo. Além disso, aqueles de 25 a 39 anos também mostraram sentirem mais o impacto do trabalho, em comparação com os que têm mais de 40 anos (MOURA; RONCALLI; NORO, 2016).

Os autores Cardoso e Bakke (2018), ao investigarem profissionais de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), como psicólogos, enfermeiros, fonoaudiólogos, entre outros, e analisarem os níveis de estresses, concluíram que 73,7% apresentaram níveis moderados e sintomas como alterações no sistema nervoso e problemas musculoesqueléticos.

Já, quando foi apurada por pesquisadores a existência de Transtornos Mentais Comuns, assim como uso de substâncias lícitas e ilícitas por Agentes Penitenciários de uma instituição, cargo em que os profissionais estão sempre em contato com estressores, além de baixa remuneração e raro reconhecimento, a amostra constatou que 23,57% apresentavam TMC, 88,3% consumia bebida alcoólica, 35,0% fumavam cigarro e 27,5% utilizavam outros tipos de drogas (LIMA et al., 2019).

Existe também artigo sobre estresse no trabalhador portuário, que mostra que 10 de 17 participantes revelam a presença de estresse, que foi atribuído a situações negativas como relação ruim com o seu superior, injustiça na distribuição do trabalho e local de trabalho nocivo para a saúde por causa de exposição a produtos químicos, sinalizando então, que o estresse desses sujeitos é resultado da união de desgaste físico e mental (CARDOSO; PADOVANI; TUCCI, 2014).

Por fim, Silva, Vasconcellos e Figueiredo (2014), realizaram um estudo com profissionais do Centro de Referência e Assistência Social (CRAS) que mostrou que vivências de prazer foram relacionadas à valorização e identificação no trabalho e sofrimento a estrutura ruim e grande demanda de serviço, levando a sentimentos negativos de tristeza.

2.7 Sofrimento Psíquico de Estudantes

Contudo, outro ponto importante é que além das experiências de sofrimento no trabalho, o estresse fora dele também interfere na saúde mental do indivíduo. Um exemplo é o período universitário, situação que pode ocasionar grande estresse, devido às mudanças e responsabilidades vivenciadas (SILVA et al., 2016).

Estudos determinam a presença de Transtornos Mentais Menores (apresentação de adoecimento psíquico, com efeitos psicológicos e fisiológicos) em 35% nos graduandos das universidades dos Estados Unidos, 39,32% nos do México e de 25% a 58% nos das universidades públicas do Brasil. Além disso, o predomínio é nos graduandos dos cursos da saúde e ciências humanas (ANDRADE et al., 2016).

Todavia, a experiência dos graduandos de modo geral, é pouco estudada, principalmente dos alunos do curso de Psicologia (ANDRADE et al., 2016).

Sobre esses em especial, um estudo apontou a presença de transtornos psíquicos em 21,1%. E outro feito com 119 estudantes expôs que em uma questão sobre a vivência de sofrimento psíquico, 89,91% demonstraram a existência desse sofrimento (ANDRADE et al., 2016).

À vista disso, um trabalho de Silva et al. (2016) apontou que os estudantes que trabalham, apresentam predomínio de 90,9% de estresse em relação aqueles que apenas estudam.

De acordo com os resultados apresentados até então é importante a realização de estudos voltados exclusivamente para os discentes de Psicologia, abordando ainda os índices de prazer e sofrimento no trabalho, para que dessa forma possa-se pensar em estratégias mais eficazes em relação a esse contexto.

3 METODOLOGIA

3.1 Participantes

Participaram da pesquisa 25 estudantes do curso de Psicologia da cidade de Bebedouro – SP, matriculados do 2º ao 5º ano. Todos realizavam estágio remunerado e não obrigatório, em diferentes áreas de atuação.

Destes, vinte e um eram do sexo feminino e apenas quatro do sexo masculino; dois alegaram ser do 2º ano, quatro do 3º ano, seis do 4º ano e treze do último ano do curso; além disso, dez afirmaram trabalhar na área de educação, o mesmo tanto declarou ser da área social, três da saúde e dois da organizacional/instituição.

3.2 Instrumento utilizado

Foi formulado um questionário com duas partes. A primeira requisitava os dados pessoais dos participantes como sexo, semestre que estavam cursando, cidade que estudavam, quantas horas trabalhavam por dia e quantos dias por semana, assim como área de atuação. Já a segunda parte era uma Escala Likert, que se tratava da Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho (EIPST), criado por Mendes (2007), que possibilita a avaliação de vivências positivas e negativas no ambiente de trabalho, por meio de afirmativas que compreendem informações que envolvem prazer e sofrimento no contexto ocupacional.

Esta continha trinta e dois itens, nos quais os alunos deveriam assinalar com uma pontuação de 1 a 5 (1 – Nunca; 2 – Raramente; 3 – Às vezes; 4 – Frequentemente; 5 – Sempre).

3.3 Procedimento

No 3º bimestre os alunos do curso de psicologia que realizavam estágio remunerado foram convidados a participarem do estudo. Dessa forma, aqueles que aceitaram, concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido disponibilizado de forma *online*, pela plataforma digital *Google Forms*, na qual logo após o consentimento ficava disponível o questionário que foi respondido.

3.4 Análise de dados

Foram realizadas análises descritivas, através de tabelas, encontrando a média e moda das pontuações de cada item.

3.5 Considerações éticas

Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa (CEP) do Centro Universitário UNIFAFIBE.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir serão apresentados os resultados da análise de dados das respostas de todos os participantes, depois apenas dos homens e mulheres, posteriormente separado pelos anos em que estão na faculdade e por fim da área em que realizam o estágio.

A primeira tabela a seguir mostra as respostas brutas aos trinta e dois itens que abrangiam a Escala Likert, a moda se encontra em negrito e as médias estão na última coluna. As demais tabelas exibem apenas as modas e médias.

Nas colunas contém o enunciado da questão e as frequências de respostas nas pontuações de 1 a 5, em que 1 se referia a “nunca”, 2 era “raramente”, 3 “às vezes”, 4 “frequentemente” e 5 significava “sempre”.

4.1 Respostas de todos os participantes

A Tabela 1 mostra as respostas brutas de todos os participantes.

TABELA 1 - Alunos do curso de Psicologia que fazem estágio remunerado

Enunciado	Frequências em cada um dos pontos da escala					Média
	1	2	3	4	5	
Liberdade para falar sobre o meu trabalho com os colegas	0	2	4	10	9	4,04
Liberdade para expressar minhas opiniões no local de trabalho	0	2	6	8	9	4,2
Liberdade para usar a minha criatividade	0	3	4	8	10	4
Cooperação entre os colegas	0	3	3	11	8	3,96
Orgulho pelo que faço	1	2	5	6	11	3,96
Liberdade com a chefia para negociar o que precisa	0	3	6	6	10	3,92
Solidariedade entre os colegas	0	2	6	10	7	3,88
Liberdade para falar sobre o meu trabalho com as chefias	0	3	8	9	5	3,64
Gratificação pessoal com as minhas atividades	2	2	4	12	5	3,64
Confiança entre os colegas	0	1	8	16	0	3,6
Satisfação	0	5	6	8	6	3,6
Bem-estar	0	4	7	11	3	3,52
Realização profissional	2	4	4	10	5	3,48
Reconhecimento	0	5	8	7	5	3,48
Motivação	1	5	5	10	4	3,44
Estresse	1	5	6	10	3	3,36
Valorização	0	5	11	5	4	3,32
Esgotamento emocional	0	6	7	10	2	3,32
Identificação com as minhas tarefas	3	3	8	6	5	3,28
Insegurança	1	6	9	4	5	3,24
Frustração	0	5	13	5	2	3,16
Sobrecarga	2	6	8	7	2	3,04
Insatisfação	2	7	7	9	0	2,92
Indignação	5	5	8	6	1	2,72

Medo	2	7	14	2	0	2,64
Falta de reconhecimento de meu esforço	5	7	7	6	0	2,56
Injustiça	5	6	10	3	1	2,56
Falta de reconhecimento de meu desempenho	5	8	10	2	0	2,36
Desvalorização	11	5	6	3	0	2,04
Desqualificação	10	8	6	0	1	1,96
Inutilidade	11	8	5	1	0	1,84
Discriminação	13	7	3	2	0	1,76

De acordo com os resultados apresentados, no geral, pode-se perceber que mesmo demonstrando satisfação com os primeiros itens do questionário, que abordaram sobre os colegas de trabalho e a chefia, em que a moda foi na pontuação quatro ou cinco e média entre 3,6 e 4,04, assim como nos itens sobre reconhecimento, valorização, frustração e indignação, em que as modas estão na pontuação três e a média foi de 2,36 a 3,48, a maioria ainda assim, às vezes têm sentimento de frustração e sobrecarga, por exemplo, além de insatisfação, estresse e esgotamento emocional com frequência no local de trabalho, já que nesses três enunciados, a moda foi na pontuação quatro e a média de 2,92 a 3,36. 40% dos participantes colocaram que se sentem estressados e esgotados emocionalmente com frequência e 36% se sentem insatisfeitos.

4.2 Comparação entre as respostas das mulheres e homens

Agora a Tabela 2 apresenta as respostas para as mesmas trinta e duas questões, dos homens e mulheres.

TABELA 2 - Alunos dos sexos Feminino e Masculino do curso de Psicologia que fazem estágio remunerado

Enunciado	Sexo Feminino		Sexo Masculino	
	Moda	Média	Moda	Média
Liberdade com a chefia para negociar o que precisa	5	3,9	5	4
Liberdade para falar sobre o meu trabalho com os colegas	4 e 5	4,04	4	4
Solidariedade entre os colegas	4	3,8	4 e 5	4,5
Confiança entre os colegas	4	3,66	4	3,75
Liberdade para expressar minhas opiniões no local de trabalho	5	3,85	4 e 5	4,5
Liberdade para usar a minha criatividade	5	3,9	4 e 5	4,5
Liberdade para falar sobre o meu trabalho com as chefias	4	3,57	3 e 5	4

Cooperação entre os colegas	4	3,9	4	4,25
Satisfação	4	3,52	3	3,75
Motivação	4	3,28	4	4
Orgulho pelo que faço	5	3,9	5	4,25
Bem-estar	4	3,42	4	4
Realização profissional	4	3,28	4	4,25
Valorização	3	3,23	4	3,75
Reconhecimento	3	3,38	5	4
Identificação com as minhas tarefas	3	3,14	4	4
Gratificação pessoal com as minhas atividades	4	3,47	4 e 5	4,5
Esgotamento emocional	4	3,42	2	2,75
Estresse	4	3,52	1, 2, 3 e 4	2,5
Insatisfação	4	3,04	3	2,25
Sobrecarga	3 e 4	3,23	2	2
Frustração	3	3,19	3	3
Insegurança	3	3,33	2	2,75
Medo	3	2,71	3	2,25
Falta de reconhecimento de meu esforço	2	2,61	1	2,25
Falta de reconhecimento de meu desempenho	3	2,47	1	1,75
Desvalorização	1	2,09	1	1,75
Indignação	3	2,9	1	1,75
Inutilidade	1	1,9	1 e 2	1,5
Desqualificação	1	2,04	1 e 2	1,5
Injustiça	3	2,66	2	2
Discriminação	1	1,9	1	1

É possível identificar que em muitos dos itens as respostas foram parecidas entre os sexos, no entanto, as mulheres se mostraram mais insatisfeitas e se percebem mais sobrecarregadas com o trabalho em relação aos homens, por exemplo, já que a moda delas foi de três ou quatro, apresentando média de 3,04 e 3,23, enquanto os homens apresentaram moda na pontuação três para insatisfação e dois para sobrecarga, com média de dois a 2,25 nos dois itens.

Além disso, quando questionados sobre estresse e esgotamento emocional no trabalho a maioria das mulheres disseram se sentir assim frequentemente, ou seja, a moda está na pontuação quatro, enquanto os homens marcaram entre “nunca” e “frequentemente” em relação ao estresse e “raramente” sobre esgotamento emocional. Em ambos os itens a média dos homens foi menor do que das mulheres, já que dos homens variou entre 2,5 e 2,75 enquanto das mulheres foi

de 3,42 a 3,52, exibindo que as mulheres apresentam sentir mais as sensações de esgotamento e estresse no local de trabalho do que os homens.

4.3 Respostas divididas pelos anos em que estão cursando na faculdade

A Tabela 3 apresenta as respostas para as mesmas perguntas, porém dos alunos do 2º, 3º, 4º e 5º ano do curso de Psicologia.

TABELA 3 - Alunos do curso de Psicologia do 2º, 3º, 4º e 5º ano que fazem estágio remunerado.

Enunciado	2º		3º		4º		5º	
	Moda	Média	Moda	Média	Moda	Média	Moda	Média
Liberdade com a chefia para negociar o que precisa	3 e 4	3,5	2, 3, 4 e 5	3,5	5	4,16	5	4
Liberdade para falar sobre o meu trabalho com os colegas	2 e 3	2,5	4	3,75	5	4,33	5	3,92
Solidariedade entre os colegas	3 e 5	4,5	4	4	3, 4 e 5	4	4	3,69
Confiança entre os colegas	3 e 4	3,5	4	3,75	4	3,66	4	3,53
Liberdade para expressar minhas opiniões no local de trabalho	5	5	4	4	5	4,33	3 e 4	3,61
Liberdade para usar a minha criatividade	5	5	2	2,75	4 e 5	4,5	5	4
Liberdade para falar sobre o meu trabalho com as chefias	3 e 4	3,5	3 e 4	3,5	4	4,16	3	3,46
Cooperação entre os colegas	5	5	2, 3, 4 e 5	3,5	4	4,33	4	3,76
Satisfação	5	5	3 e 4	3,5	2, 3 e 4	3	4 e 5	3,69
Motivação	4 e 5	4,5	3	2,75	4	3,33	4	3,53
Orgulho pelo que faço	5	5	3 e 5	4	5	3,83	4	3,84
Bem-estar	5	5	3 e 4	3,5	4	3,16	4	3,46
Realização profissional	5	5	4	3,5	3 e 4	2,83	4	3,53

Valorização	4 e 5	4,5	3	3,25	3	3	3	3,15
Reconhecimento	4 e 5	4,5	3	3,75	2	2,66	3 e 4	3,61
Identificação com as minhas tarefas	5	5	3	2,5	4	3,16	3 e 4	3,3
Gratificação pessoal com as minhas atividades	5	5	4	3,5	3	3	4	3,76
Esgotamento emocional	2 e 3	2,5	3	3,25	4	3,83	4	3,23
Estresse	2 e 3	2,5	4	3,25	4	4,16	4	3,15
Insatisfação	1 e 2	1,5	2	2,5	4	3,66	3	2,92
Sobrecarga	1 e 3	2	3	3	3 e 4	3,5	2 e 4	3
Frustração	2	2	3	3	3	3,5	3	3,23
Insegurança	1 e 3	2	2	2,25	4 e 5	3,83	3	3,46
Medo	2 e 3	2,5	3	2,25	2 e 3	2,5	3	2,84
Falta de reconhecimento de meu esforço	1 e 2	1,5	2	2	3	2,66	4	2,84
Falta de reconhecimento de meu desempenho	1 e 2	1,5	2	2	3	2,5	3	2,53
Desvalorização	1	1	1	1,75	3	2,16	1	2,23
Indignação	2 e 3	2,5	3	2,75	3	2,5	2 e 4	2,84
Inutilidade	1	1	2	2	1	2	1 e 2	1,84
Desqualificação	1	1	3	2,25	2	1,83	1	2,07
Injustiça	1 e 2	1,5	4	3	3	2,33	3	2,69
Discriminação	1	1	1	1,75	1 e 2	1,5	1	2

Os resultados apresentados mostram que nas primeiras questões as modas e médias variaram bastante, contudo, as modas foram predominantemente em pontuações mais altas, porém, ainda assim, os alunos do 2º ano foram os que atingiram uma média maior, chegando à pontuação cinco, diferente dos outros anos, apontando então, maior satisfação em relação aos itens abordados.

Além do mais, quando indagados sobre questões como esgotamento emocional e estresse, a moda do 2º ano variou entre raramente e às vezes. O 3º ficou entre às vezes e frequentemente, já o 4º e 5º ano marcou moda em frequentemente para ambos. Em relação à média desses itens, a menor foi a do 2º ano, marcando 2,5, seguidos pelo 5º que sinalizou médias 3,23 e 3,15, 3º que

marcou 3,25 e 4º ano estabeleceu média em 3,83 e 4,16. Sendo assim, novamente os graduandos do 2º ano mostraram sentir menos impacto.

Outro ponto que também teve pontuação mais baixa para os do 2º ano foi a sobrecarga. Portanto, os resultados mostram que no geral, os últimos anos são mais atingidos psicologicamente no trabalho do que aqueles que estão no início do curso.

4.4 Respostas divididas por área de atuação

A Tabela 4 exibe as respostas separadas por área de atuação do estágio remunerado.

TABELA 4 - Alunos do curso de Psicologia que fazem estágio remunerado nas áreas: Educação, Saúde, Social e Organizacional

Enunciado	Educação		Saúde		Social		Organizacional	
	Moda	Média	Moda	Média	Moda	Média	Moda	Média
Liberdade com a chefia para negociar o que precisa	3	3,6	4	3,33	5	4,3	4 e 5	4,5
Liberdade para falar sobre o meu trabalho com os colegas	4	4,6	4	3,33	5	4	4 e 5	4,5
Solidariedade entre os colegas	5	3,9	2,3 e 4	3	4	4	4 e 5	4,5
Confiança entre os colegas	4	3,7	3	2,66	4	3,7	4	4
Liberdade para expressar minhas opiniões no local de trabalho	4	3,9	3	2,66	4 e 5	4,2	5	5
Liberdade para usar a minha criatividade	4	4,3	3	2,66	5	4	4 e 5	4,5
Liberdade para falar sobre o meu trabalho com as chefias	3	3,6	2	2	4	4,1	4 e 5	4,5
Cooperação entre os colegas	4 e 5	4,1	2,3 e 4	3	4	4	3 e 5	4
Satisfação	2 e 5	3,5	2, 3 e 4	3	4	4	2 e 3	2,5
Motivação	2 e 5	3,6	3	2,66	4	3,6	2 e 3	2,5
Orgulho pelo	5	4	1, 3 e	2,66	5	4,6	2 e 3	2,5

que faço			4					
Bem-estar	3 e 4	3,5	3	2,66	4	3,8	2 e 4	3
Realização profissional	2, 4 e 5	3,4	1, 3 e 4	2,66	4	3,8	2 e 4	3
Valorização	2 e 3	3,3	3	2,66	3	3,6	2 e 4	3
Reconhecimento	2 e 5	3,5	2, 3 e 4	3	3	3,6	2 e 5	3,5
Identificação com as minhas tarefas	4	3,3	1, 3 e 4	2,66	3	3,6	3 e 5	4
Gratificação pessoal com as minhas atividades	4	3,9	4	3	4	3,8	1 e 4	2,5
Esgotamento emocional	4	3,4	2, 3 e 4	3	2 e 3	3,3	3 e 4	3,5
Estresse	4	3,2	4	3,33	3 e 4	3,5	2 e 5	3,5
Insatisfação	3	2,9	2, 3 e 4	3	4	2,9	2 e 4	3
Sobrecarga	2, 3 e 4	2,8	2, 3 e 4	3	3	3,2	2 e 5	3,5
Frustração	3	3,1	2, 3 e 4	3	3	3,1	3 e 5	4
Insegurança	3	3,7	3	3,33	2	2,9	2 e 5	3,5
Medo	3	2,9	3	2,66	3	2,7	1	1
Falta de reconhecimento de meu esforço	4	2,7	2, 3 e 4	3	2 e 3	2,5	1 e 3	2
Falta de reconhecimento de meu desempenho	2	2,3	3	2,33	2 e 3	2,5	1 e 3	2
Desvalorização	1	2,2	1	1,66	1, 2 e 3	2,2	1	1
Indignação	3	3,1	1, 3 e 4	2,66	3	3	1	1
Inutilidade	1	1,8	1, 2 e 3	2	2	2	1	1
Desqualificação	1 e 2	1,8	1	2,33	2 e 3	2,2	1	1
Injustiça	3	2,6	3	2,33	2, 3 e 4	2,8	1	1
Discriminação	2	1,7	1	1,66	1	2,1	1	1

É possível verificar que as respostas entre as áreas de atuação variaram entre os diferentes itens. Contudo, muitas das médias foram próximas, porém, os da organizacional, por exemplo, foram os que apresentaram maior satisfação nos

primeiros itens da escala, que abordavam sobre o relacionamento com chefia e colegas, já nos próximos itens, em relação a assuntos como satisfação, bem estar, reconhecimento, os de social foram os mais satisfeitos.

No entanto, sobre esgotamento emocional e estresse, todas as áreas marcaram média entre a pontuação três, ou seja, independente das áreas, os alunos se sentem dessa forma no local de trabalho de “às vezes” para “frequentemente”.

4.5 Discussão

O Conselho Federal de Psicologia estruturou um documento chamado Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (2008), no qual aponta que o profissional da psicologia, independente do seu contexto de trabalho, poderá ter contato com conteúdos referentes à saúde-doença, relacionado ao trabalho, pois são assuntos que repercutem para além das atividades laborais (SOUZA, 2013).

O trabalho em nossa sociedade tem grande influência na subjetividade do indivíduo e dessa forma, na saúde do mesmo, tanto fisicamente, quanto mentalmente (SOUZA, 2013).

Sendo assim, é preciso que as empresas tenham atitudes humanizadoras com os seus funcionários, no sentido de ir contra a visão que enxerga o trabalhador como uma engrenagem em seu trabalho, realizando sua função em um local aversivo e punitivo (VASCONCELOS et al., 2017).

Contudo, quando se trata da saúde do trabalhador, deve-se considerar toda a complexidade dessa relação, se atentando a todo o contexto do sujeito em questão, para compreender o porquê há características que podem causar sofrimentos em uns e não em outros (SOUZA, 2013).

Um exemplo disso é a diferença nas respostas entre o sexo masculino e feminino, em que as mulheres demonstraram sentir mais insatisfação, sobrecarga, estresse e esgotamento emocional.

Uma explicação possível para esse fato, é a dupla jornada que muitas mulheres levam, combinando as atividades profissionais com os afazeres domésticos (PARRA; CHAGAS; CAMARGO, 2014), pois apesar de nos últimos anos a quantidade de homens que também realizam tais atividades ter aumentado, ainda assim, é muito inferior em relação à quantidade de mulheres que combinam os dois afazeres (MADALOZZO; MARTINS; SHIRATORI, 2010).

Aliás, trabalho doméstico não se restringe apenas a cuidados com a higiene e alimentação da casa, mas também com a responsabilidade de cuidar das outras pessoas de sua família, como idosos, crianças e enfermos. Tudo isso custando um maior sofrimento psíquico (VARELA; D'ÁVILA, 2015).

Outras características importantes de serem consideradas para que se possa entender o porquê alguns trabalhadores apresentam sofrimentos e outros não, são, por exemplo, o fato de alguns serem graduandos, o curso que realizam, ano que estão na faculdade e área de atuação.

Cientistas entenderam que o contato direto com o sofrimento psíquico de outros sujeitos, assim como disciplinas voltadas para a subjetividade humana, como acontece na graduação de psicologia, aumenta a possibilidade de o aluno manifestar algum transtorno mental (ANDRADE et al., 2016).

A formação em Psicologia inclui competências e habilidades que o aluno precisa desenvolver, estágios básicos e específicos que precisa cumprir, além de atendimento a comunidade que deve realizar (ANDRADE et al., 2016). Porém, essas Diretrizes abrangem as peculiaridades que é a prática do estudante de Psicologia?

Uma pesquisa mostrou que vivências de sofrimentos são resultados, dentre outras coisas, de grande demanda de trabalho (SILVA; VASCONCELLOS; FIGUEIREDO, 2014). Sendo assim, é importante refletir sobre o quão afetados podem ser os estudantes que além de precisarem cumprir as exigências do curso de psicologia, combinam tais atividades com ocupações profissionais. A propósito, os resultados exibiram que os graduandos dos últimos anos são os que mais se sentem sobrecarregados e ainda relacionado a isso, os alunos do 2º ano, ou seja, os do começo do curso, foram os que menos se sentem esgotados emocionalmente e estressados.

Aliás, o período em que estão na faculdade foi mais relevante do que a área em que estão desempenhando as atividades profissionais, já que entre os campos de atuação não teve grande diferença, ou seja, não teve nenhum tópico em que os alunos de algum local específico mostraram sofrer muito além do que os outros, no entanto essa diferença surgiu mais claramente entre os anos do curso, já que como foi dito, os dos últimos anos demonstraram apresentar mais sentimentos negativos como sobrecarga, do que os outros.

Nos últimos tempos acentuou-se o estresse emocional e isso está muito relacionado à velocidade em que as coisas acontecem, fazendo com que os

sujeitos, em função das exigências do mercado, tenham que trabalhar e estudar mais (DURÃES, 2019).

O sentimento de sobrecarga ocorre devido a contextos como os de frustração, cansaço e muito trabalho (LEAL; BANDEIRA; ANDRADE, 2012), justamente coisas que têm maior probabilidade de ocorrer com os alunos do quinto ano, pois já estão há mais tempo no curso e com mais responsabilidades e estágios do que os graduandos dos anos iniciais, fato que explica o porquê eles sentem mais sentimentos negativos do que os alunos que estão iniciando o curso.

A propósito, características como sobrecarga e estresse, podem prejudicar a saúde do indivíduo de forma geral, além da emocional, causando prejuízos para além do trabalho ou faculdade (LEAL; BANDEIRA; ANDRADE, 2012).

Portanto, a junção de trabalho e estudo, apesar de promover o desenvolvimento de competências do jovem, aumento da autoestima, entre outros fatores, podem também ocasionar dificuldades (FIGUEIREDO et al., 2007), como foi mostrado na presente pesquisa.

Com isso, seria de grande relevância o acesso a serviços com o objetivo de fornecer apoio psicológico para os graduandos (ASSIS; OLIVEIRA, 2010), sendo um apoio para muitas dessas demandas que diversos possuem.

Tais projetos começaram a se expandir devido a Conferência Internacional sobre Saúde Mental Estudantil, que aconteceu em 1956, na cidade de Princeton, que tinha como objetivo desenvolver planos que fossem referências para as universidades de todo o mundo e desde então muitas universidades passaram a ofertar tais serviços (ASSIS; OLIVEIRA, 2010).

No entanto, mesmo já fazendo anos que tais serviços passaram a ser implantados e que essa preocupação virou uma pauta, o cenário em relação aos serviços psicológicos ainda é mínimo e o número de estudos a cerca desse assunto também é pouco (ANDRADE et al., 2016). Diferente por exemplo da educação básica que é bastante investigada (BISINOTO; MARINHO-ARAÚJO, 2015).

Portanto é importante que se tenha maior foco nesse assunto e esse foi o objetivo da presente pesquisa e com ela, foi possível perceber algumas demandas psicológicas presentes nos graduandos de psicologia e uma estratégia proposta, é as universidades considerem a necessidade de ofertarem serviços de atendimento psicológico para esses alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal contribuição do presente trabalho de acordo com os resultados apresentados, foi a presença de sofrimento emocional nos alunos do curso de psicologia que realizam atividades trabalhistas em estágios remunerados, mostrando que sentimentos como frustração, insatisfação, estresse e esgotamento emocional foram revelados de modo geral, no entanto, outros resultados apresentados foram que as mulheres e os alunos dos últimos anos da graduação são os que se apresentam mais afetados.

Por outro lado, há algumas limitações, já que todos os participantes eram da mesma instituição de ensino e que o estudo foi realizado em um momento singular, que é a pandemia mundial devido ao Covid-19, que ocorreu no ano de 2020, fazendo com que fosse preciso que o questionário fosse aplicado antes do momento em que se era esperado, em virtude do grande número de estagiários que estavam sendo desligados de seus serviços na cidade em que a pesquisa ocorreu.

Outra questão importante de ser levada em consideração, é que o contexto pode ter causado alguma alteração nas respostas, pois no momento em que responderam, muitos dos participantes apesar de não terem sido desligados do trabalho, estavam afastados do serviço ou trabalhando em casa, não tendo contato com questões em seus serviços, que poderiam ou não, causar algum desconforto.

Porém, a proposta é que outras pesquisas estudem esse assunto, em outros momentos e com alunos de diferentes regiões, para que dessa forma os resultados sejam cada vez mais completos, para que ações voltadas para a saúde mental dos alunos de psicologia passem a estarem mais em pauta nas universidades.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. dos S. et al. Vivências Acadêmicas e sofrimento psíquico de estudantes de Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 4, out./dez. 2016. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pcp/v36n4/1982-3703-pcp-36-4-0831.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2020.

ASSIS, A. D. de; OLIVEIRA, A. G. B. de. A vida universitária e saúde mental: atendimento às demandas de saúde e saúde mental de estudantes de uma universidade brasileira. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v. 2, n. 4-5, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/68464/41243>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

BATISTA, J. B. V. et al. Síndrome de Burnout: Confronto entre o conhecimento médico e a realidade das fichas médicas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 3, jul./set. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n3/v16n3a10.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

BISINOTO, C.; MARINHO-ARAUJO, C. Psicologia Escolar na Educação Superior: panorama da atuação no Brasil. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 67, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arpb/v67n2/04.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

BORGES, L. O.; MOURÃO, L. **O Trabalho e as Organizações: Atuações a partir da Psicologia**. Porto Alegre: Artmed, 2013. 699 p.

CARDOSO, A. W. M.; BAKKE, H. A. Estresse ocupacional em profissionais de saúde dos centros de atenção psicossocial. **REBRAST**, v. 1, n. 1, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/rebrast/article/view/1552>>. Acesso em: 29 fev. 2020.

CARDOSO, P. Q.; PADOVANI, R. da C.; TUCCI, A. M. Análise dos agentes estressores e a expressão do estresse entre trabalhadores portuários avulsos. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 31, n. 4, out./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v31n4/a05v31n4.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

CAMPOS, K. C. de L. et al. Psicologia Organizacional e do Trabalho: Retrato da produção científica na última década. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 31, n. 4, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v31n4/v31n4a04.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

CODO, W.; SORATTO, L.; MENEZES, I. V. Saúde Mental e Trabalho. In: ZANELI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. **Psicologia, Organizações e Trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 276-289.

DURÃES, B. S. de A. **A Mulher Contemporânea e o Dilema da Maternidade**. 2019. 27f. Dissertação (Graduação em Psicologia) - Universidade Pitágoras Unopar, Londrina. Disponível em: <https://repositorio.pgskroton.com.br/bitstream/123456789/28844/1/BEATRIZ_SILVA_DE_ARAUJO_DURAES_DEFESA.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2020.

FIGUEIREDO, A. C. M. R. de et al. Supervisão: Estilos, satisfação e sintomas depressivos em estagiários de psicologia. **Psico-USF**, Itatiba, v. 12, n. 2, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusf/v12n2/v12n2a12.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

LEAL, R. M. de A. C.; BANDEIRA, M. B.; AZEVEDO, K. R. N. Avaliação da Qualidade de um Serviço de Saúde Mental na Perspectiva do Trabalhador: satisfação, sobrecarga e condições de trabalho dos profissionais. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 14, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/2570/0>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

LIMA, A. I. O. et al. Prevalência de Transtornos Mentais Comuns e uso de álcool e drogas entre agentes penitenciários. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, 2019. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v35/1806-3446-ptp-35-e3555.pdf>>. Acesso em 23 abr. 2020.

MADALOZZO, R.; MARTINS, S. R.; SHIRATORI, L. Participação no Mercado de Trabalho e no Trabalho doméstico: Homens e Mulheres têm condições iguais?. **Estudos Feministas**, v. 18, n. 2, mai./ago. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ref/v18n2/15.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

MOURA, G. A.; RONCALLO, A. G.; NORO, L. R. A. Impacto do Trabalho em Profissionais de Serviços de Saúde Mental em um município do nordeste brasileiro. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 2, abr./jun. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n2/1982-3703-pcp-36-2-0401.pdf>>. Acesso em 23 abr. 2020.

PARRA, E.; CHAGAS, L. X.; CAMARGO, R. D. de A. **A Doença do Século: Estresse Ocupacional na Mulher Moderna**. 2014. Disponível em: <<https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-organizacional/a-doenca-do-seculo-estresse-ocupacional-na-mulher-moderna>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

PINALI, W. L. **Prazer e Sofrimento: Estudo de caso com docentes de uma Instituição Federal de Ensino de Minas Gerais**. 2011. 147f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade Novos Horizontes, Belo Horizonte, 2011.

PRESTES, F. C. et al. Indicadores de prazer e sofrimento no trabalho da enfermagem em um serviço de hemodiálise. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 49, n. 3, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v49n3/pt_0080-6234-reeusp-49-03-0469.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2020.

ROTHMANN, I.; COOPER, C. L. **Fundamentos da Psicologia Organizacional e do Trabalho**. Tradução Luiz Claudio de Queiroz. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017. 325 p.

SANTOS, A. F. de O.; CARDOSO, C. L. Profissionais de saúde mental: Manifestação de stress e Burnout. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, n. 1, jan./mar. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n1/v27n1a08.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

SILVA, B. E. D. et al. A influência do trabalho no nível de estresse em estudantes de psicologia. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, Pombal, v. 6, n. 3, jul./set. 2016. Disponível em <<https://editoraverde.org/gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/4429/3861>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

SILVA, J. B. da; VASCONCELLOS, P. A.; FIGUEIREDO, V. C. N. Trabalho e Sofrimento: Desafios da saúde mental de profissionais da assistência social. **Psicologia em estudo**, v. 23, 2014. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/pe/v23/1807-0329-pe-23-e2307.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

SOUZA, W. F. de. Transtornos mentais e comportamentais relacionados ao trabalho: o que a psicologia tem a dizer e a contribuir para a saúde de quem trabalha?.

Fractal: Revista de Psicologia, v. 25, n. 1, 2013. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/pdf/fractal/v25n1/07.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

SPECTOR, P. E. Psicologia da saúde ocupacional. In: SPECTOR, P. E. **Psicologia nas Organizações**. 4 ed. Editora Saraiva, 2012. p. 293-323.

TONETTO, A. M. et al. Psicologia Organizacional e do Trabalho no Brasil:

Desenvolvimento científico contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 2008. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20n2/a03v20n2.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

VARELA, M. de S.; D'ÁVILA, S. M. G. **Trabalho Doméstico e Ergonomia**: Um Estudo a partir da Divisão Sexual do Trabalho. 2015. Disponível em:

<http://editorarealize.com.br/editora/anais/conages/2015/TRABALHO_EV046_MD4_SA5_ID496_01052015163956.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2020.

VASCONCELOS, E. F. et al. Saúde e Humanização do Contexto Organizacional sob a Perspectiva da Análise do Comportamento. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 9, n. 3, set./dez. 2017. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpsaude/v9n3/v9n3a07.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2020.